

ADVERTENCIAS.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 10 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82, para se providenciar.

Roga-se aos Srs. Assignantes das Provincias, que ainda não tiverem satisfeito a importancia de suas assignaturas começadas em o 1.º n.º do III. volume da *Revista Universal Lisbonense*, queiram sem falta e com brevidade effectuar seu pagamento, fazendo a remessa directamente pelo correio, ou como mais commodo lhes fôr, a este escriptorio — rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, ou aos correspondentes; no Porto a José Joaquim Rodrigues dos Santos, e João Ribeiro Novaes: em Coimbra na Imprensa da Universidade a J. M. S. de Paula: em Faro, a José Coelho de Carvalho: em Braga, a Luiz do Amaral Ferreira, rua da Fonte da Carcova n.º 23: na Madeira, a Christovão José de Oliveira: na Terceira, a Lucas José Chaves: no Fayal, a Manoel Maria Madruga de Bettencourt: em S. Miguel, a Sebastião Tudury: no Rio de Janeiro, a Agostinho Freitas Guimarães & Companhia: no Maranhão, a Antonio da Silva Fontes & Companhia: no Pará, a Luiz Francisco Collares.

Para outro numero serão tomadas em consideração as diversos cartas, que n'este escriptorio se receberam, pró e contra o nosso artigo — VENENO QUOTIDIANO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

QUESTÃO MEDICO-CIRURGICA SOBRE A MORTE DO SR. FRANÇA.

Recebemos a seguinte carta, trazendo — por assignatura — iniciaes, que não sabemos se correspondem a algum nome, e em lettra, que parece disfarçada. Eram razões mais que bastantes para a não tomarmos em grande conta; mas como o assumpto, sobre que versa, é de grande interesse geral, não por causa do Sr. França, que já não pôde ressuscitar, mas por amor dos vivos, a quem pôde acontecer igual ou semelhante desgraça, vamos dar-lhe publicidade, appressando-nos logo de accudir ao mal, que da sua leitura poderia resultar, com a resposta de um juiz competentissimo, auctor do artigo, publicado na *Restauração*, d'onde se originou este debate; e finalmente amigo nosso, com cuja collaboração esta folha se honra grandemente. Por esta resposta aprenderá o anonymo, se quizer, que a Cirurgia não é mysterio de Isis, nem maçonaria occulta aos profanos: que a imprensa pôde, sabe e quer vigiar tambem sobre os encarregados da nossa saude; e que a REVISTA UNIVERSAL com a poderosissima collaboração, que tem, e que está provada até pelo ca-

NOVEMBRO — 9 — 1843.

lálogo dos auctores, impresso no introito de cada um dos seus volumes, não devia ter a tola modestia de se julgar inhabil para dizer de qualquer materia.

«A *Revista* — diz o anonymo — apesar de ser universal não devia ser tão universal.» — Supplicamos-lhe agora, que nos diga, quaes são as limitações, que elle põe á universalidade da *Revista*. Não sendo as scientificas só lhe ficam as geographicas. ¿Será porventura o Pragal esse *noli me tangere* do universo?

Illm.º Sr. Redactor da *Revista Universal*.

2277 «¿ Nas lesões traumáticas, que exigem a amputação, é melhor operar antes ou depois de terem passado os symptomas inflammatorios?»

«Eis a questão que ainda divide os melhores cirurgiões e escriptores sobre a materia.»

«Ora, se o cirurgião pode demorar a amputação, mesmo no caso de ella ser indispensavel, até que passem os symptomas inflammatorios; quanto melhor não poderia e deveria fazer no ferimento do Sr. França, em que não havia opinião assentada, sobre se era inevitavel a operação!

«Alem d'isto, nem no ferimento do Sr. França, nem em nenhum outro, a amputação previne o tétano, antes pelo contrario muitas vezes ella o determina.

«Sendo isto assim, como é, que se ousa dizer á face de todo o mundo que — os operadores protraíram a operação unico remedio efficaz — que houve imprevidencia etc. etc?»

«¿ Não é isto desaccreditar os cirurgiões assistentes do Sr. França?»

«Agora perguntarei ao Sr. Redactor — se ao Sr. França lhe fosse amputada a mão logo depois do ferimento, e lhe sobreviesse um tétano, não se diria por entre phrases delicadas, mas nem por isso menos expressivas, que os cirurgiões se tinham precipitado em operar o doente, e com a operação accrescido as causas do tétano?»

«Não se diria que os cirurgiões tinham, com a operação, matado o doente; assim como ora se diz que, por não operarem, o deixaram morrer?»

«¿ Valha-nos Deus, Sr. Redactor! Parece-me a mim que esta questão devia de ser ventilada em jornal mais proprio; e por RR. mais competentes, e que a sua *Revista*, apesar de ser universal, não devia de ser tão universal.»

«Por minha conta basta; aos meus illustres collegas, que assistiram ao doente deixo o resto.»

De V. attento venerador

Lisboa 27 de octubro de 1843.

Um cirurgião do Alemtejo.

A. A. V.

2278 Como collaborador, que muito me préso de ser da encyclopédica *Revista Universal*, direi a minha opinião ácerca da carta do Sr. A. A. V., cirurgião do Alemtejo, relativa á não amputação da mão do defuncto Sr. França; assumpto sobre que escrevi um ou dois artigos, que appareceram na *Restauração*, e com cuja doutrina a *Revista* concordou em o seu artigo 2251.

É para mim uma obrigação moral descer á arena, visto que se apresenta um contendor: repetirei aqui aquillo em que já insisti, a saber, que não foi para

ensinar que provoquei esta discussão, mas só para illustrar-me com a opinião dos mais competentes, e a todos em taes materias concedo vantagem sobre mim. — A carta não me parece poder ter sido escripta por nenhum dos distinctos facultativos que tractaram o Sr. França, pois esses certamente o fariam com superioridade. Venhamos aos pontos controversos.

As proposições do Sr. A. A. V. são as seguintes:

1.º *Nas lesões traumáticas, que exigem amputação, os melhores cirurgiões e escriptores hesitam, se convirá amputar antes ou depois de terem passado os symptomas inflammatorios.*

A esta asserção (redigida de forma que não me parece de homem da arte) responderei que no seculo XIX (e posteriormente a *Sarp, Pott etc.*) não houve ainda um só escriptor, bom ou mau, um só cirurgião, bom ou máu, que hesitasse um só momento. (Note-se bem que o meu adversario fala de lesões traumáticas que exigem amputação)

2.º *«No caso do Sr. França não é liquido se conviria a operação.»*

Não basta uma pedagogica sentença, contra racionios leaes. Os argumentos que desinvolvei na *Restauração*, e os que succintamente expenderei abaixo, não me parece poderem ser refutados pela simples negação de um facultativo anonymo. Provei e provarei que a operação era prudente, inevitavel, urgente.

3.º *«A amputação não previne o tétano, antes muitas vezes o determina.»*

Nunca escrevi o contrario, nem de tal argumento me quiz servir. Porém, visto que imprudentemente se prestam até os mais vulneraveis flancos, direi que os fastos da sciencia appresentam contra um tétano originado de amputação, vinte tétanos nascidos das lesões, em que não se realisou a ablação de um membro. Se, para elucidação de um ponto scientifico importante, esta questão tomar mais desinvolvimento, não duvidarei tractar essa materia, defendendo aquillo que se me attribue, que nunca disse, mas que digo agora, já que o desejam.

4.º *«Tive em vista deprimir os cirurgiões assistentes do Sr. França.»*

Esta é a desgraça na nossa terra. Nenhuma questão póde ser tractada sem que ás tres linhas do escripto appareçam, em lugar dos placidos argumentos, as personalidades, as intenções. Não conheço os cavalheiros, que tractaram o Sr. França; não puz em duvida o seu saber, a sua experiencia e o seu zelo; calculei todas as minhas expressões, para que nenhuma fosse ferir o mais sensitivo melindre. Rejeito portanto essa insinuação, pois não tive em vista outra coisa senão discutir um caso da sciencia, bastantemente grave, visto que aos meus olhos e aos de mais alguém, as opiniões dos cirurgiões assistentes podem transformar-se em sentenças de morte.

Nem as dimensões d'este jornal, nem ainda a importancia da carta do cirurgião do *Alemtejo*, justificariam uma longa dissertação medica; porém fôra mal deixar de apresentar a questão em toda a sua luz, e em linguagem ao alcance de todos.

— A balla da espingarda destruiu não só os ossos do metacarpo, mas os nervos, os vasos, os tendões e os ligamentos. Em taes circumstancias não se espéra a gangrena, e muito menos a formação de circulo inflammatorio que a circumscreva; amputa-se. —

Tudo o que for sair d'esta thèse, é tergiversar e sophismar.

Parece-me que o Sr. A. A. V. ignora, que ha duas especies de gangrena; uma produsida por causa interna, e outra nascida de lesão mecanica. No primeiro caso, a opinião assentada entre os operadores, é que se não deve amputar antes da formação do chamado circulo inflammatorio; no segundo, a prescripção, hoje unanime, é que por tal phenómeno se não deve esperar.

Qualquer pessoa estranha á arte apreciará a razão d'esta grande differença. Nas gangrenas espontaneas, internas, o cirurgião vê bem o ponto onde a molestia se manifesta por mais atrozes resultados; mas não lhe é dado adivinhar até onde o germen de destruição se tem precipitado: essas lesões em taes alturas viciam de ordinario profundamente o sangue, que é frequentemente correio de morte para outros pontos diversos em que os symptomas se denunciam. Não sendo pois possivel *a priori* decidir até onde a mortificação atacou os tecidos, fôra imprudente operar; pois póde a gangrena manifestar-se consecutivamente no côto. Consequencias de similhante imprudencia foram citadas no meu primeiro artigo.

Mas nas lesões mecanicas, cuja causa é bem conhecida — cuja séde é perfeitamente circumscripta — quando a origem do mal é externa e accidental — quando o doente gosava de perfeita saude e tinha sãos todos os seus tecidos e humores — quando se vê o fóco da molestia, conservado o qual ella se póde pagar aos pontos ainda illesos; — a operação não admite delongas. ¿Para que fim se espéra o circulo na gangrena espontanea? para saber onde se limita a mortificação e nada mais. Ora na gangrena por causa externa essa limitação é perfeitamente conhecida; por consequencia cada momento que se demore é um grau de probabilidade que para a cura se diminue.

Mas, em relação a este caso, a sciencia ensina mais. Desde que se verificou a destruição de todas as partes que alimentam os dedos, e que portanto pela extincção do movimento vital, o prognostico da gangrena d'esses dedos era de uma evidencia mathematica, a ablação da mão immediatamente era um dever. A sciencia diz-nos que a chaga produsida por uma balla é desigual; que os vasos e nervos destruidos não podem renascer; que as extremidades que ficaram dos vasos, perdidas nas carnes, não podem ser ligadas; que os ossos estão desigualmente fracturados e as esquirulas intermeadas com os tecidos; que o abalo que se propagou até uma altura assaz consideravel dispoz todos os tecidos para uma inflammação de má natureza; que a suppuração de tal chaga póde assumir facilmente um character que não só arrisque a existencia do membro atacado, mas a do individuo etc. — A amputação tem por fim substituir a este estado de coisas uma ferida simples, feita por instrumento cortante (o que tambem é uma vantagem), e que se colloca nas condições mais favoraveis para uma cicatrização prompta e facil.

Tudo isto é de primeira intuição; porém como a medicina e a cirurgia não são sciencias especulativas, e importa que a experiencia confirme as induções da theoria, cumpre examinar qual é a opinião dos auctores modernos, fundada no raciocinio e na observação. Abram-se quantos se quizer, e achar-se-ha cons-

tantemente a doutrina que deixo expendida. E porque não desejo ser crido só pelas minhas palavras, aqui transcreverei as dos homens, que a sciencia actual respeita como os seus mais distinctos interpretes, e das obras de européa reputação.

LARREY (*Mém. de Chir. Mil. T. III. pag. 142*) diz: «A linha de demarcação entre as partes mortas e sãs só se forma na gangrena espontanea, determinada por causa interna; ou se ella se manifesta, o que é raro, n'uma gangrena produzida por causa vulnerante, o seu andamento não é o mesmo, e fôra mui imprudente esperar; porque quasi sempre a gangrena traumática continúa os seus progressos, a infecção generalisa-se e o doente succumbe.»

VELPEAU (*Nouv. Elém. de Med. Opér., Tom. I. pag. 293*) «Espanta que haja quem, reconhecida a necessidade da amputação, aconselhe delongas. Ainda que a experiencia o não houvesse proclamado, e a quem se faria acreditar que uma ferida regular, simples, unica, podesse ser mais perigosa que um tiro que esmigalhou os ossos, e dilacerou as partes molles? Póde a propria dôr da operação contrapezar as de todos os dias, que padece o doente a quem se não amputou, consequencia do minimo movimento, dos exames, dos côrtes, das incisões multiplicadas para extrair as esquirulas, moderar a inflamação ou abrir caminho aos liquidos morbíficos? Quem se atreveria a dizer que, n'esse estado, o enfermo se não acha mil vezes mais exposto á phlebite, á resorpção purulenta, ao tétano, que se uma ferida de amputação houvesse sido substituida ás lesões graves de que está affectado?

O MESMO AUCTOR, diz a pag. 290, que nem mesmo os mais ardentes partidarios de demora (como *Fauvre* entre os antigos) consentiam em procrastinar senão nos casos em que havia alguma possibilidade de conservar o membro.

COOPER (*Dict. de Cir. Pr. T. I. pag. 540*): «Quando uma lesão externa houvesse, sem a amputação, de ser inevitavelmente seguida de gangrena, é evidentemente util praticar a operação logo; porque uma simples incisão tem menos perigos que o sphacelo.» Mais abaixo, citando muitos factos que roboram a opinião de Larrey, juncta; «Nos casos de gangrena de chaga, não se hesite em amputar logo, assim que se reconhecer a necessidade. Não ha que recear que a gangrena sobrevenha ao côto, como na espontanea que não estivesse limitada, porque a gangrena traumática, depois de se haver desinvolido por uma causa local, só se propaga por absorpção e pela alteração dos tecidos transmittida pela continuidade dos vasos; e com effeito a amputação, feita no sitio proprio, suspende os seus progressos, e previne as suas consequencias.

MEHEE (*Tr. des plaies des armes à feu, Paris, 1799*) que escreveu para mostrar quanto desapprovava a pratica da amputação cedo, nas feridas d'armas de fogo, admite só um caso em que a operação seja conveniente, isto é, quando se manifesta a gangrena. Demonstra que então a amputação deve ser feita logo á primeira apparição da gangrena, para evitar que se propague ao resto do membro.

LAWRENCE (*Medico-chir. trans. T. VI pag. 184*) depois de recommendar, que se espere pela linha de demarcação, exclama que longe do seu pensamento aconselhar essa demora em qualquer caso de gangrena por lesão externa.

DICIONNAIRE abrégé des sciences médicales (*amputation, T. I. pag. 338*): «Assim que se adquire a convicção de que a amputação é o unico recurso que resta, é rasoavel e prudente pratical-a immediatamente, porque nada se ganharia em procrastinar. A temporisação traria consigo novos progressos da molestia, enfraquecimento do sujeito, incerteza da cura, e muito maior numero de probabilidades desfavoraveis.» Na mesma obra (*gangrène T. VIII pag. 127*) diz-se que nos casos de gangrena succedendo a lesões phisicas etc. é preciso amputar logo; ainda que gangrena não esteja limitada.

DICIONNAIRE DE MÉDECINE ET DE CHIRURGIE PRATIQUE, (*Gangrène, T. IX pag. 41*) depois de ter estabelecido o principio da linha divisoria para a gangrena espontanea, senil etc. acrescenta: «Póde-se amputar antes da gangrena estar limitada, quando resulta de tiro ou de outro accidente traumático, seguido de inflamação, mas limitado a porções circumscriptas dos membros.» Na mesma obra (*Plaie, T. XIII pag. 163*) fallando das feridas que laceram carnes, aponevroses, tendões, nervos, tecidos, musculos ou ossos, diz que importa reduzir logo a ferida ás condições de uma chaga simples, praticando a amputação immediatamente depois do accidente e nas partes sãs mais visinhas da ferida.

DELPECH (*Précis Elém des mal. reput. chir. urg. tom. I. pag. 107*): «Quando a desorganisação é completa ou muito adiantada, é evidente a impossibilidade de conservar as partes, e as que se lhe aproximam succumbirão tambem quando a inflamação sobrevier; o trabalho será longo, os perigos grandes, e o resultado incerto; a indicação da amputação immediata é aqui da maior evidencia, e demoral-a fôra expôr o enfermo aos riscos mais manifestos.»

BOYER (*Tr. des mal. chir. tom. I. pag. 123*): «Quando o membro desorganizado pé, mão, etc. não se deixa a separação á natureza. Entre os varios inconvenientes notem-se os riscos que corre o doente com o desinvolvimento dos accidentes inflammatorios, e mais consequencias; quando essas chegam, em vão se procuraria combatel-as com sangrias copiosas, a dieta mais severa, e outros meios antiphlogisticos.»

DUPUYTREN, na sua lição sobre gangrena symptomatica por causa d'arterites (*Leçons Or. de Clin. Chir. tom. IV. pag. 503*) reconhecendo a differença de procedimento que deve haver nos varios casos, diz: «A esta pergunta ha uma resposta peremptoria. No primeiro caso, operando logo em gangrenas por causa externa, arrebatase ao mesmo tempo a molestia e a sua causa; no segundo, a causa rebelde e permanente subtrac-se ao instrumento.»

ROCHE ET SANSON (*Nouv. El. de Path. Med. Chir. tom. III. pag. 407*) «É só no caso em que a gangrena seja effeito de feridas graves que se deve operar antes que a gangrena esteja limitada, tendo então a precaução de amputar a certa distancia da parte. Porque razão em taes casos não apparece nunca a gangrena no côto? Será porque haja n'uma gangrena uma infecção geral e não n'outra? Póde ser, etc. etc.»

Parece-me desnecessario acrescentar, como tão facil seria, este catalogo, que já receio seja demasiado longo. Bem se vê pois que os principios inconcussos da sciencia são diametralmente oppostos aos

que estabelece o Sr. A. A. V., e que, em contradicção com a sua asserção, está provado:

1.º Que nas lesões traumáticas, que exigem a amputação, não pôde haver hesitação sobre a época em que deve realisar-se.

2.º Que nas lesões profundas por causa mechanica não deve esperar-se pela formação da linha divisoria.

3.º Que o tétano é um dos terriveis accidentes cuja probabilidade se diminue com a ablação da parte.

4.º Que o caso do Sr. Franca, tal como tem chegado ao conhecimento do publico por ora, se acha comprehendido nas regras da sciencia.

É quanto se me offerece a dizer agora, e não duvidarei voltar á materia se a vir tractada com seriedade.

Um medico.

30 de outubro de 1843.

7 de Novembro de 1843 — P. S. — Acaba de me ser entregue uma carta dirigida sobre este assumpto á *Restauração* pelo Sr. Nicolau Tolentino de Carvalho e Villa; carta escripta com summa intelligencia, delicadeza e saber. E' n'este processo perante a opinião o unico documento de incontestavel importancia, e chamamos a attenção dos competentes para esse escripto que apparecerá no n.º 429 d'aquella Folha. Se porém S. S.ª assentar que as suas ponderosas reflexões não estão avaliadas, no artigo que precede, dignando-se communicar-nol-o, daremos maior desinvolvimento aos pontos que menceionar, e dar-lhe-hemos outra occasião, preciosa para nós e talvez para a sciencia, de esclarecer-nos.

ESPERANÇAS DE VIRMOS A TER CARRUAGENS DE VAPOR.

2279 No artigo 1830 dissémos, ha agora quatro mezes, que um serralheiro sueco inventára carruagens de vapor, que se levavam por estradas ordinarias e sem carris de ferro, subindo e descendo, e andando uma milha allemã entre trinta e cinco e quarenta minutos; carruagens, que já trabalhavam na carreira de *Copenhagen* para *Korsen*; e recommendámos aquelle bom achado aos nossos especuladores. Em tal particular propriamente nada se nos depara de novo para corroborarmos os fundamentos da attendivel supplica; mas em jornaes de Londres achamos agora outras diversas facilitações a este celérrimo systema de viajar, as quaes importa que não deixemos no escuro.

Se as proveitosas novidades se não adoptarem, nunca será por falta de denuncias, requerimentos e instancias da nossa parte.

Tem para si um engenheiro inglez, que inventou modo de fazer andar as carruagens de vapor pelos caminhos ordinarios; e já em Londres estão para formar uma companhia para pôr a sua idéa em execução, e sollicitam a prévia auctorisação e privilegio. Por um dos lados das estradas reaes, que fícará defeso ao publico, far-se-ha um carril de madeira, por onde rodem as novas carruagens: a circumferencia das rodas será forrada tambem de madeira, com o que o estrago mutuo será menor; e o movimento muito mais suave que nos caminhos de ferro. O custo d'estas estradas de madeira está calculado em obra de cinco contos de réis para cada milha. Ora como assim os caminhos e as carruagens são muito

menos dispendiosos, uma companhia, para tal fim, metterá muito menos cabedal do que as dos caminhos de ferro: condusirá os viajantes por um terço do antigo custo; e fará proporcionalmente maiores interesses.

COMPANHIA PROTECTORA DA INDUSTRIA VINICOLA DA EXTREMADURA.

2280 Falla-se por toda a parte da crise, porque actualmente está passando o mercado dos vinhos em todas as praças: attribue-se este accidente commercial, e económico á baixa do preço d'este genero agricola; e d'ahi se tira o thêma para estirados artigos, nos quaes se quer demonstrar, que é forçoso que os braços, e os capitaes empregados n'este ramo tão proficuo, se applicuem para outro fim, e se lhe dê uma nova direcção; pela nossa parte lamentamos umas vezes a cegueira d'estes apóstolos graciosos, e outras, anojam-nos sua má fé, e seu egoismo. A crise commercial da venda dos vinhos em muitos mercados é uma consequencia da variação industrial agricola de alguns povos; é o resultado da volubilidade da moeda n'outros; mas não é, como se quer fazer acreditar, effeito da disproporção entre colheita e consumo, o que só poderia constituir a verdadeira crise.

Se attendermos desapaixonadamente á generalisação do consumo do vinho, se consultarmos as statisticas do seu consumo nos diversos povos, se reflectirmos nos mercados novos que se teem aberto a este genero em diversas partes do mundo, e se finalmente buscarmos, em vão, esses vastos armazens de retém, onde deve estar accumulado o vinho superfluo; nós nos desenganaremos que effectivamente tal crise real, e verdadeira se não dá.

Esta crise, em que se teem querido que todos acreditem, mais é resultado de uma strategia de praça, que ennuuciado de convicção dos agricultores.

Expliquemo-nos: — O negociante costumado no seu giro honroso, e honesto a tirar uns tantos por cento de redito de seus capitaes, e industria, não acredita n'um ramo commercial, que n'uma dada unidade de tempo lhe não produza o mesmo juro; se porventura o negoeio do vinho lhe não grangear mais de um ou dois por cento, emquanto outro qualquer negocio lhe produzir com os mesmos riscos, e no mesmo tempo quatro, ou cinco, o negociante diz, e diz bem, que o negocio do vinho é prejudicial. Mas o lavrador, principalmente entre nós, que fica muito satisfeito quando o producto do seu suor, e das suas fadigas lhe renda dois a tres por cento do capital empregado, chama rédito immenso, e extraordinario ao que o negociante apenas denominava perda relativa. Eis-aqui como a agiotagem creando réditos incommensuraveis no giro dos papeis de credito, desvirtúa o commercio, e assassina a agricultura. ; E ai do paiz em cujas entranhas se inacula tão horroroso cancro!

A companhia protectora dos vinhos da Extremadura, ligando com um laço insolúvel, o do interesse, o campo, e a praça, o suor do lavrador, e a especulação do negociante, fará abortar esse pensamento, eminentemente prejudicial, dos summos lucros, auxiliar-se-hão mutuamente, desapparecerá em parte esse panico da crise, e volverá os capitaes, (e esta é a razão das razões), á sua natural, e economica applicação, que é o maximo fomento dos nossos productos

agricolas, e industriaes; sem o que o cancro agiotico nos devorará dentro de mui pouco tempo.

Os nossos vinhos, mesmo os da Extremadura, não tem que temer esse panico da crise nos mercados do estrangeiro; o que não tem havido até aqui, e o que intendemos que não continuará a haver d'aqui por diante, emquanto se não crear a companhia, é quem intenda que é absolutamente necessario que os nossos generos appareçam n'esses mercados, puros, e genuinos, sem confeição nem mistura, umas vezes filha do ramerrão ignorante, e outras da fraude commercial. Onde apparecer o nosso vinho de *Carcavellos* puro, o nosso vinho de *Bucellas* genuino que vinho poderá competir com elles no seu genero especial? O credito d'estes vinhos tem-se perdido, porque infelizmente, elle nunca chega ao seu destino puro, e generoso, como são do tonel do lavrador; se não vejámo-lo. Um dos nossos actuaes embaixadores juncto d'uma das potencias do norte, notou que nos jantares, a que assistia, se não viam vinhos portuguezes: estranhou a falta, não se pôde conter, e buscou a razão d'esta fatalidade; respondeu-se-lhe que em Portugal já não havia vinhos capazes, que se haviam perdido nossas bellas plantas; ou mudado seu processo de fabrico. Calou-se o diplomata, e quiz antes desmentir tão erronea crença com factos, do que com razões que poderiam ser interpretadas, como expressão de sentimentos de nacionalidade. Communicou isto para Lisboa; e dentro em bons caixotes se enviou ao representante de Portugal um bom par de razões justificativas da nossa industria agricola engarrafada e lacradas: chegaram a porto de salvamento tão convincentes provas, distribuiu-as convenientemente o nosso enviado, todos os intendedores mudaram d'opinião, e a importação de vinhos portuguezes n'essa nação variou um pouco para mais no seguinte anno. Honra por isto ao Sr. Barão de Renduffe.

Já se vê, por consequencia que se não existe senão uma variação dos vendedores do vinho, e n'algumas localidades uma mudança de gosto pelos nossos vinhos, sendo esta compensada pela abertura de novos mercados, e a crise geral, e verdadeira não se dando; o que é absolutamente indispensavel é abrir o mercado no estrangeiro aos nossos vinhos da Extremadura na maior escala possivel: e poderá por ventura conseguir este fim outra qualquer associação, que não fôr tão rica, tão forte, e tão bem dotada como a nossa projectada companhia protectora do commercio e agricultura dos vinhos da Extremadura? Accreditemos que não.

A primeira condicção essencial para se abrir um tal mercado é o empate, que ha-de haver d'uma somma immensa de pipas de vinho, não só para o beneficiar, como para occorrer de prompto a qualquer encomenda que se faça de qualquer ponto. E acreditará alguém que tenha a menor idéa prática de tal negocio que é isto objecto para ser empreendido por qualquer empreza particular, ainda que sufficientemente dotada, e abastecida? de modo nenhum. Esta exportação levada a um tal pé, que possa beneficiar decisivamente a nossa agricultura, só a pôde desempenhar uma companhia, como a projectada.

Mas o fim principal, e talvez mais util a este ramo da industria agricola, que ha-de trazer consigo a criação da companhia, é o augmento da exportação.

É necessario para nos convencermos d'esta verdade olhar as coisas como ellas são praticamente. Depois que na época da separação do Brazil, por incuria ou negligencia deixámos de nos ligar com aquelle vasto imperio por meio de tractados, que beneficiassem alli os nossos productos agricolas; nós vimos que ficando apenas equiparadas ás outras nações, se fechava para nós o maior mercado dos vinhos da Extremadura, por isso que não nos era possivel concorrer em praça com os vinhos d'outros estados, mórmente com os da Catalunha; e d'este modo, e pela mesma razão se fecharam para nós os portos do Baltico.

É sabido que as provincias da Hispanha, que olham para o Mediterrâneo pôdem pôr a bordo um casco de vinho, talvez por menos vinte por cento do que nós; e isto em razão da barateza do costeiro das vinhas n'aquellas Provincias; já se vê por esta differença de custo, que concorrendo o nosso vinho com o da nação visinha em qualquer porto, onde não gozemos de favor algum, não podemos de certo competir em preço com esse vinho, cujo custo é menos 20 por cento do que o do nosso.

Para acharmos pois compradores ahi para o vinho da Extremadura é necessario que de duas coisas aconteça uma, ou que elle pela sua qualidade se torne muito superior a esses vinhos com que vae concorrer; e isso, apesar da bondade especifica dos nossos vinhos, depende sempre da moda, e do paladar do consumidor, ou então que nós possamos lá apresentar o nosso vinho pelo mesmo preço dos outros, com que vae concorrer.

Este segundo meio é o que vae apparecer logo que se crie a companhia; por quanto ella applicará (forçosamente) parte dos lucros, que possa obter do exclusivo de Lisboa para cobrir esse prejuizo, que nos primeiros annos lhe ha-de acarretar o commercio estrangeiro. Nós dissemos, que *forçosamente* isto havia de acontecer, por uma razão mui simples, e que justifica a harmonia, e belleza do projecto; e vem a ser que como a companhia é obrigada a comprar todo o vinho que se lhe offerecer da Extremadura, e dentro de Lisboa só pôde consumir 30:000 pipas, pouco mais ou menos, é forçoso que ella exporte o resto, sob pena de ter de o derramar pelo Tejo.

Nós voltaremos ao assumpto, que é altamente importante.

ASSOCIAÇÕES AGRICOLAS.

(Continuado de pag. 110)

Objectos que primeiro se deve ter em vista promover.

2281 1.º Os meios de evitar o immenso contrabando de cereaes, e carnes, que continuamente se está fazendo pelas raias do reino visinho o que aniquila a nossa agricultura.

2.º A maior exportação de nossas chacinhas, vinho, frutas, e enfim de quantos productos agricolas nos sobejam.

3.º A melhora na salga de toda a qualidade de carnes de maneira, que podendo conservar-se por muito tempo e em viagens, tornem desnecessario a importação e consumo no paiz das estrangeiras.

4.º O fabrico e melhor salga da manteiga necessaria para o consumo da terra.

5.º A maior cultura do arroz principalmente de sequeiro.

6.º O concôrto de caminhos e de estradas, alem d'aquellas, que já se acham marcadas na lei ultima, e a abertura de novas, bem como de pontes e canaes, e com muita especialidade o encanamento do Tejo, por meio de plantações de arvores nas suas margens.

7.º A maior cultura da amendoeira molar, que tão grande preço tem offerecido no mercado estrangeiro.

8.º A melhor conservação das mattas e florestas existentes, bem como a criação e plantio de outras novas, pois que além do grande lucro, que dão, concorrem tanto para tornar productivos os mais aridos terrenos.

9.º A criação de gados de toda a especie, e apuramento das raças; da lanigera por ex. para que tenhamos lãs, como as de Hispanha; da cavallar, para que tenhamos bons cavallos, quaes se não encontram já em Portugal; a turina, cujo leite é tão necessario para a manteiga, que estamos comprando aos estrangeiros.

10.º O emprego, com preferencia á estrangeira da nossa madeira de construcção, como o castanho, o choupo, e o pinho na edificação de predios urbanos — o sobro, o azinho, e o carvalho, e o mesmo pinho nas construcções navaes.

11.º A extincção de toda a casta de animaes damninhos, e prejudiciaes aos gados e lavoira.

12.º Plantação de amoreiras, e criação dos bichos de seda, que deverá ser grande fonte de riqueza.

13.º A cultura da batarraba para d'ella se extair o assucar, que nos custa sommas tão avultadas.

14.º A cultura do carrapateiro, que nos dê o azeite necessario para luzes para evitarmos comprar o de peixe estrangeiro — podendo até servir pela sua abundancia (tão facil de se alcançar em Portugal) para com elle, e por muito baixo preço se illuminarem todas as povoações do reino.

15.º O melhor aproveitamento na construcção de moveis de caza das madeiras, que temos de muita dura, e boas para o effeito.

16.º A melhor cultura, tractamento, e plantação de olivaeas.

17.º A formação de uma caixa de recurso para acudir ao lavrador em um ou mais annos desgraçados; beneficio de que só poderá gozar aquelle que fôr socio d'esta associação, e na forma que for determinada pelos respectivos estatutos.

18.º O alcançar do governo desde logo a concessão de um terreno onde possa fazer as suas experiencias agricolas, e mostrar palpavelmente os seus resultados aos lavradores; sendo este o meio mais facil de conhecerem as suas vantagens, e o mais curto para se poderem convencer d'ellas, e pol-as em pratica.

19.º A concessão de um edificio juncto a este estabelecimento rural e de tamanho conveniente, em geral para lo que for necessario á sociedade, e ao mesmo tempo para se guardarem n'elle todos os modelos de machinas, que melhor façam a bem da agricultura, a fim de que trabalhando, e podendo ser examinadas pelos lavradores se conheçam as vantagens, e resultados, que offerecem.

Ayres de Sá Nogueira.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

S. MARTINHO.

11 DE NOVEMBRO.

2282 ; Porque é S. Martinho o padroeiro da bebedice? ; Em que mereceu ou desmereceu, para ficar nas vezes de Baccho entre gente christã? Procurámo-lo para podermos dizer, que tinhamos tambem nós desenterrado uma origem como Catão. Mas saímos baldos o empenho.

S. Martinho, que floreceu em letras, virtudes, e milagres, pelos tempos do imperador Constantino Magno, — e cuja vida nos ficou escripta por seu discipulo Sulpicio Severo, nem quando soldado, que a principio foi contra vontade, se toldou jámais com o vinho; e depois de religioso e bispo de Tours na França, foi sempre exemplar de sobriedade e penitencia; o seu banquete era orar no êrmo: as suas festas, co-

mezainas e descantes — accudir aos pobres, e demolir os templos da gentildade que mais e melhores sombras davam a essas coisas. ; Porque logo em toda a superficie d'este pampinoso paiz o seu dia, por posse immemorial, se desata e desfaz todo em banquetes nas cidades? ; em magustos nas eiras e vielas das aldêas? ; em saudes e tróvas de bebrerria? ; em sermões de chula? ; em ladainhas de chanças? ; em destempêros de bandurras e bailades?

A estas perguntas só com outras perguntas se pôde responder. ; E porque é S. João o invocado na mais alegre e namorada noite do anno? ; E porque é Sancto Antonio o bemquisto de moços e donzellas? ; E porque é S. Gençalo o cazamenteiro das velhas, e o florido visitador das hortas? — Nenhum dos tres foi menos solitario, sisudo, e penitente, que S. Francisco, S. Bruno, ou S. Jeronimo, de quem folgazão nenhum jámais fez conta.

Como quer que seja os convites e bródios do S. Martinho lá nasceram em França, pouco depois de sua morte; e de lá se derramaram com o seu culto religioso, não só por todo o occidente, mas tambem pela Grecia, e mais egreja oriental, não obstantes as esquivanças que sempre lá topavam os sanctos até maximos do romano calendario.

Entraria pois em Portugal o uso da folgança de S. Martinho, logo nos primeiros dias da monarchia, se já antes não era vindo: tral-o-hiam a primeira côrte franceza e os aventureiros, senhores, e bispos que por essas éras para cá se trasladaram com tantas outras coisas de seus costumes, de seus trajos e de sua lingua. O que é certo é, que de S. Martinho se denominam muitas terras antiquissimas e não poucas egrejas, cuja data até das memorias se apagou.

A profanidade da festa de S. Martinho chegou quasi a ser profanação em muitas partes da christandade: tal era o desconcerto e devassidão, que n'ellas corria, que o papa Urbano VIII, para lhes tirar o aso, tentou supprir totalmente esta solemnidade por uma bulla, que porém não chegou a effeito. No reinado de D. Diniz, quando tantos restos se aboliram dos costumes pagãos, que para abi tinham ficado e reverdecido dos romanos, como as janeiras e as maias de poetica e saudosissima memoria, levou tambem este um grande côrte. A festa do imperador, representado por um menino, que ainda hoje em dia se faz pela páschoa do Espirito Sancto em muitos logares do reino — tem-se que a introduzira piedosamente Sancta Izabel, para com ella supprir ao povo, que não dimitte facilmente heranças taes, a outra de largos annos costumada, sob o titulo de festa do bispo innocente, o qual postoque innominado não devia ser outro senão S. Martinho a quem esse cognomento se applicava. O cachopinho, que figurava de bispo, levava mitra e bago: lançava benções e na sua pessoa se escarneavam com as chacótas e truanices dos bebrões da sua côrte, usos do catholicismo e o character episcopal: razão pela qual a piedosa rainha quiz antes que fosse a magestade das coisas terrestres a apupada; transformando a tiara em corôa, é o bispo em imperador. De então para cá a festa profana de S. Martinho ficou reduzida á tradicção do beber, comer e bailar.

Em poucas partes ha já o que chamam a irmandade do sancto. Compõe-se ella dos bêbados conhecidos da

terra, tendo por maioral o mais chapado de todos elles. A eleição das dignidades, juizes e juizas, mordomos e mordomas fazem-n'a alguns dias antes. Na vespera reúnem-se para cear, sendo o escóte dividido e pago por cabeça, e celebrando-se a meza de ordinario n'uma adega enramada de loiro ou pinho. No dia seguinte, jantam do mesmo modo junctos, pré-gando o mais discreto ou o mais avinhado o sermão de galhofa accommodado ás circumstancias, dentro de uma pipa que serve de pulpito, e rematando a solemnidade com a ladainha de todos os bêbados em versos de pé quebrado.

Eis-aqui tudo quanto d'esta antigualha podémos averignar. Alguem no futuro nos agradecerá talvez o haver-mol-o escripto.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

(Continuado de pag. 44.)

IV.

2283 Eu darei sempre o primeiro logar á modestia entre todas as bellas qualidades. — ¿ Ainda sobre a innocencia? — Ainda sim. A innocencia basta uma falta para a perder; da modestia só culpas graves, só crimes verdadeiros pódem privar. Um accidente, um acaso pódem destruir aquella, a esta só uma acção propria e determinada e voluntaria.

Bem me lembram ainda os dois versos do poeta Démades que são forte argumento de auctoridade contra a minha theoria: cuidei que tinha mais infeliz memoria. Hei-de pôl-os aqui para que não falte a esta grande obra das minhas viagens o merito da erudição, e lhe não chamem livrinho da moda: estou resolvido a fazer a minha reputação com este livro.

Αἰδὼς ὡς τὴ καλλὴ καὶ ἀρετῆς πόλις,
Πρῶτον ἀγαθὸς ἀμαρτία, δευτέρου δὲ αἰὼς χυμῆ

Da belleza e virtude é a cidadella
A innocencia primeiro — e depois ella.

Mas a auctoridade responde-se com auctoridade e a texto com texto. E eu trago aqui na algibeira o meu Addisson — um dos poucos livros que não largo nunca — e atiro com o philosopho inglez ao philosopho grego e fico triumphante: porque Addisson não põe nada acima da modestia; e Addisson, apesar da sua casaca de penneiros, é muito maior philosopho do que foi Démades com a sua tunica e o seu palio.

O erudito e amavel leitor escapará d'esta vez a mais citações: compre um *Spectator*, que é livro sem que se não póde estar, e veja *passim*.

Eu gósto, bem se vê, de ir ao encontro das objecções que me pódem fazer; lembro-as eu mesmo para que depois me não digam: — « Ah, ah! vinha a ver se pegava! » — Não senhor, não é o meu genero esse.

Francamente pois . . . eis-ahi o que poderão dizer: — « Addisson foi secretario d'estado, e então . . . » — ¿ Então o quê? ¿ Não concebem um secretario d'estado philosopho, um ministro poeta, escriptor elegante, cheio de graça e de talento? Não, bem vejo que não: tem esta idéa fixa de que um ministro d'estado ha-de ser por força ou um caixeiro malcreado e petulante que ganhou quatro vintens a agiotar, ou um bacharelzito de requiem arvorado em homem d'estado pelos veneraveis das *logeas*, ou um general a quem não chegam as forragens e gratificações ordinarias e extraordinarias . . . Mas isso é nos paizes adiantados em que já

é indifferente para a coisa publica, em que povo nem principe lhes não importam já em que mãos se entregam, a que cabeças se confiam. Em Inglaterra não é assim, nem era assim no tempo de Addisson. Fossem lá á rainha Anna que deixasse entrar no seu gabinete quatro calças de coiro sem creação nem instrucção, e não mais se não só porque este sabia jogar nos fundos, aquelle tinha boas tretas para o *canvassing* de umas eleições, o outro era figura importante no *Freemassons-hall*!

Já se vê que em nada d'isto ha a minima allusão ao *feliz systema que nos rege*: estou fallando de modestia, e nós vivemos em Portugal.

A modestia com tudo quando é excessiva e se aproxima do acanhamento, do que no mundo se chama — *falta de uso* — póde ser, n'um homem, quasi defeito, talvez defeito inteiro. Na mulher é sempre virtude: realce de belleza ás formosas, disfarce de fealdade ás que o não são.

Por mim, não conheço objecto mais lindo em toda a natureza, mais feiticeiro, mais capaz de arrebatár o espirito e inflammár o coração do que é uma joven donzella quando a modestia lhe faz subir o rubor ás faces, e o péjo lhe carrega brandamente nas palpebras . . . Pouco lume que tenha nos olhos, pouco regular que seja o semblante, menos airoso que seja a figura, parecer-vos-ha n'esse momento um anjo. E anjo é a virgem modesta, que traz no rosto debuxado sempre um céu de virtudes . . . — De alguma belleza sei eu cujos olhos *cór da noite* ou *de saphyra* (*dialec. poet. vet.*), cujas faces de *leite* e *rosas*, dentes de *perolas*, collo de *marfim*, tranças de *oiro* ou de *ébano*, (a allusão é sortida, ha onde escolher) davam larga materia a boas grosas de sonetos — no antigo regimen dos sonetos, e hoje inspirariam myriadas de canções descabelladas e vaporosas, choradas na harpa ou gemidas no alahude. (Com tanto que não seja lyra, que é classico, todo o instrumento, inclusivamente a bandurra, é igual diante da lei romantica) — Ora pois, mas a tal belleza, por certo ar alameda, certo não sei quê de atrevido nos olhos, de deslavado na cara, e de descomposto nos ademanes, perde toda a graça e quasi a propria formosura de que a dotára a natureza

Vêde-me aquelles labios de carmim. ¿ Ha maio florido que tão lindo botão de rosa apresente ao alvorecer da madrugada? . . . Mas olhae agora como o riso da malicia lh'o desfolha tão feiamente n'uma desconcertada risada.

Desvaneceu-se o prestigio.

Não havia moço nem velho, homem do mundo ou sabio de gabinete que não dêsse metade dos seus prazeres, dos seus livros, da sua vida por um só beijo d'aquella bocca . . . Agora talvez nem repetidos *avances* lhe façam obter um namorante de profissão e officio . . . E ha-de pagal-o adiantado; ¿ e porque preço! . . .

¿ Mas o que terá tudo isto com a jornada da Azambuja ao Cartaxo? A mais íntima e verdadeira relação que é possível. É que a pensar ou a sonhar n'estas coisas fui eu todo o caminho, até me achar no meio do pinhal da Azambuja.

Ahi parámos, e accordei eu.

Sou sujeito a estas distracções, a este sonhar ac-

cordado. Que lhe hei-de eu fazer? Andando, fallando, escrevendo, sonho e ando, sonho e fallo, sonho e escrevo. Francamente me confesso de somnambulo, de somniloquo, de . . . Não, fica melhor com seu ar de grego; (tenho hoje a bóssa hellénica n'um estado de tumescencia pasmosa!) digamos somnilogo, somnigrapho.

A minha opinião sincera e conscienciosa é que o leitor deve saltar estas folhas, e passar ao capitulo seguinte, que é outra casta de capitulo. A. G.

O MÉRITO ARTISTICO DA SR.^a ROSSI.

2284 No artigo 2247 demos uma succinta noticia biographica da sr.^a Rossi, e n'este, conforme as que promettemos, vamos avaliar as suas qualidades artisticas.

Um actor-lyrico perfeito nunca o houve no mundo, nem talvez existirá jámais. Seja ou não o drama-lyrico oriundo da tragedia-grega, fosse ou não conhecido na Italia desde 1473, é certo, que desde *Stradella* até aos mais famigerados actores-lyricos dos nossos dias, nenhum ha que escapasse aos reparos da critica (fallámos da sensata). Temos debaixo dos olhos judiciosas reflexões sobre os mais celebres cantores, que hoje existem: *Rubini, Duprez, Grisi, Damoreau, Lablache*, julgados como optimos no sentir commum, não são pelos criticos reputados como taes. Mas nós a quem para critica tão apurada falta licção, experiencia e gôsto, nenhuma dúvida temos em declarar, que sejam quaes forem os defeitos da Sr.^a Rossi, que indispensavelmente os ha-de ter, habituaes não lh'os havemos conhecido até hoje. N'este presuposto vamos satisfazer a nossa promessa.

«Madame Rossi, dizia ha tres annos um jornal francez (*a Gazeta musical*) é a herdeira presumptiva das cantoras de genio, cujo sceptro empunhado pelas *Catalani, Pasta e Malibran*, foi por ellas depositado nas mãos da diva *Grisi*.» — A citação d'este pequeno periodo poupa-nos muitas palavras; em poucas disse o escriptor francez mui elegantemente, o que é a Sr.^a Rossi, qual o seu methodo de canto, e o futuro que a espéra.

A bella figura da Sr.^a Rossi, e a sua phisionomia estheticamente expressiva, são já per si qualidades mui recommendaveis para um actor-lyrico. Os seus gestos, modelados pela eschóla franceza, são, em geral, tragicos, nobres, e cheios d'expressão, dando sempre ao seu rosto movimentos apropriados ao affecto ou paixão, de que deve estar possuida a alma da personagem, que nos representa. Quando ha intelligencia nunca ha exaggeração no modo d'exprimir as grandes paixões, que são já por si mesmas hypérbolos do sentimento: n'este caso o gesto forçosamente ha-de ser energico, grandioso, solemne. Temos visto o grande Talma representado em posições, que á vista simplesmente nos pareceriam extravagantes. — «*La force d'expression est, en raison de l'energie de la pensée, comme la force d'un jet d'eau indique la hauteur du réservoir.*» — Não havemos de dizer, todavia, que a Sr.^a Rossi n'esse ponto, tenha tocado aquella perfeição, por assim dizer, plástica, que por meio da disposição do corpo, especialmente dos braços, e pela expressão do rosto e dos olhos, em silencio nos póde comunicar tão bem como pela palavra, os affectos e paixões que se revolvem na alma. Esta perfei-

ção só a pódem dar a experiencia, o estudo, e a observação dos primores da arte da pintura e da esculptura. Mas sejamos breves, e venhamos á voz da Sr.^a Rossi.

A extensão da voz d'esta artista é de duas oitavas e meia, desde o *la* grave até ao *re* sobre-agudo; toda igual, pura, sonora; não muito forte mas bastante volumosa. A emissão dos sons é espontanea e prompta, com um portamento muito methodico, distinguindo perfeitamente a ligação da voz com grande intelligencia da gradação da força que deve applicar aos differentes sons, e regulando a sua respiração da mais excellente maneira, em todas as modulações, ou sejam do genero *sustenuto* ou *florito*; de fórma que a aspiração é completamente imperceptivel e longa, e a expiração lenta e suavissima. A sua vocalisação é optima; não faz o menor tregeito com a bocca; ataca perfeitamente as notas, e passa d'um a outro registro de voz d'uma maneira insensivel, executando todos os enfeites do canto com o maior acabamento e precisão, e com uma agilidade nítida, igual e granita, distinguindo exactamente todos os sons; e tudo isto com uma affinação justissima. Os ornamentos de que usa são discretos, puros e com muita novidade; e os seus trillos vigorosos e perfeitos.

O estudo profundo da Sr.^a Rossi não se limita á boa maneira do canto; penetra nos mysterios da phrase musical, e por isso as suas cadencias são as mais apropriadas e scientificas. Sabe accomodar a sua articulação ao colorido e força do acompanhamento, com uma pronuncia clarissima e bem accentuada, como em nenhum cantor-italiano se póde encontrar melhor: conhecendo perfeitamente o methodo de pronunciar o *g*, o *s*, o *z*, e o *r*; o que augmenta muita graça á sua expressão; como mui bem se conhece nos recitativos, que esta artista executa debaixo de todas as regras da declamação.

A Sr.^a Rossi sabe variar a maneira do seu canto adaptando-a aos differentes caracteres d'elle, distinguindo-se muito no canto *filato*, em que a suavidade da sua voz produz um bellissimo effeito. Executa o *adagio* com a maior severidade, o *agitato* com energia, e o *allegro* com *bravura*; e todo o mecanismo do seu canto é apropriado á variedade e expressão dos movimentos que o caracterisam.

Entretanto, todas estas circumstancias reunidas ainda não bastam para constituir uma grande artista. O verdadeiro actor-lyrico é aquelle, que se identifica com a personagem, que nos representa, com a situação em que se acha, e com os sentimentos que o devem agitar; que se entrega ás inspirações do momento, como succedeu ao compositor cuja musica executa; que possui aquillo que é produzido por todas estas qualidades junctas — a expressão. «Mas a expressão real d'uma *Gabrielli*, d'um *Marchesi*, d'um *Crescentini*.» A Sr.^a Rossi que manifesta verdadeira alma d'artista, e reúne todos os dotes necessarios para isso, vae caminho de pôr-se a par com estes deuses do canto.

Uma vez que assim o pensámos não podêmos deixar de dizer que apesar de todas as recentes modificações introduzidas na opera-comica, a Sr.^a Rossi tem estado mal collocada n'esse theatro; a sua conveniente estrada é a do canto dramatico-italiano. Oxalá que a insigne artista a não deixe outra vez; ha-de ser n'esta estrada que em pouco tempo substituirá a *Malibran*,

arrancará o sceptro das mãos da *Grisi*, que porventura não tarda a tocar a declinação de sua brilhante carreira.

Silva Leal.

NOTÍCIAS.

ESTRANGEIRAS.

2285 As notícias de HISPANHIA, que por de visinha nos devem principalmente interessar, são da maior importancia. Parece já ter passado o mais medonho da crise. A revolta de Leon foi soffocada. Saragoça abriu as portas a Concha, e Gerona tracta de abrir-as a Prim. Só Barcelona, a malfadada, persiste na sua teima. Tudo augura melhor futuro á Hispanha. A camara e o Senado acham-se já constituídos, e o governo propõe declarar maior a rainha.

Forma-se finalmente na INGLATERRA o processo ao grande agitador das turbas, O'Connell.

ACTOS OFFICIAES.

2286 *Diario do Governo de 30 de outubro.* — Programma para a recepção de S. M. Venda de fóros e pensões.

Idem de 31. — Providencias sobre o registo das embarcações costeiras. Venda de fóros e pensões.

Idem de 1 de novembro. — Ordem da armada n.º 109. Relação de oitenta individuos, que, embarcando na charrua Principe Real, vão cumprir seus degredos para Africa. Venda de fóros e pensões.

Idem de 2. — Venda de fóros e pensões. Conta das sommas postas pelo Thesouro á disposição dos diferentes ministerios: ao da fazenda 156:516\$878 réis; ao do reino 91:237\$535 réis; ao da guerra 246:814\$873 réis; ao da marinha 71:214\$070 réis; ao da justiça 22:872\$953 réis; e ao dos estrangeiros 2:199\$859 réis.

Idem de 3. — Aviso de que para Cabo-Verde vae partir o brigue-escuna *Faro*. Venda de fóros e pensões.

Idem de 4. — Aviso de que S. M. toma lucto por oito dias pelo principe Frederico da Prussia. Decreto para que a delegação da alfandega de Cascaes admitta a descarga os navios nacionaes que forem carregados com generos do paiz. Venda de fóros e pensões: e venda de bens nacionaes.

ÍRIS.

2287 É este o nome da nova corveta, que do estaleiro de Lisboa se lançou ao Tejo pela uma e meia da tarde, do dia 6 do corrente. A este acto tão raro e saudoso hoje em dia, quão frequente e auspicioso já fôra em antigos tempos, assistiram SS. MM. e Altezas, o ministerio, grande numero de altos empregados e crescida quantidade de povo. Uma tribuna, ao lado esquerdo do arsenal, ostentava quatrocentas senhoras ricamente adereçadas. As embarcações de guerra, vistosamente embandeiradas salvaram todas ao receberem a sua formosa irmã, IRIS.

A agua, o céu e o dia, tudo estava de festa: — mas tudo por entre festa disfarçava uma profunda melancholia.

¿Onde estão as glorias nauticas? ¿onde o sceptro maritimo do Tejo?

¿Jazem no cemiterio da historia!

Ha dois annos descêra do mesmo estaleiro uma nau com ainda maior estrépito de saudações: — e essa nau auspiciada com o titulo e com a imagem doirada de VASCO DA GAMA, dorme sobre a sua primeira amarra um somno já de dois annos. — ¿E quando sair, — se algum dia sair a estrear-se n'esses mares, — será com vellas, massâme e artilheria, comprados a inglezes por duzentos mil cruzados!

Pois que durma, e que durma tambem em nossa importuna memoria o nome de VASCO DA GAMA.

GALERIA DOS VICE-REIS, E GOVERNADORES DA INDIA PORTUGUEZA.

(Communicado.)

2288 Esta interessante publicação, que ficou suspensa em o n.º 16, por se ter ausentado d'este reino, o Sr. J. M. de Lorme Collaço, vae novamente continuar a sair com a antiga regularidade, e no mesmo papel, em que brevemente se distribuirão os n.ºs 17, e 18. — E por que muitos dos subscriptores teem manifestado desejos; de que as notas biographicas dos Vice-Reis sejam mais extensas, o que não pôde ter logar senão em folhas separadas, ainda que do mesmo formato dos retratos para se podêrem encadernar junctamente; começar-se-ha em tempo, com esta publicação adicional, (a 40 rs. cada biographia) logo que se possa contar com um numero sufficiente d'assignaturas, cuja declaração se péde no acto da entrega dos dois retratos, que se acham na pedra.

Os dezeseis retratos a côres fielmente copiados dos paineis que na India se conservam, são — D. Francisco d'Almeida — Affonso de Albuquerque — Lopo Soares de Albergaria — Diogo Lopes de Sequeira — D. Duarte de Menezes — D. Vasco da Gama — D. Henrique de Menezes — Lopo Vaz de Sampaio — Nuno da Cunha — D. Garcia de Noronha — D. Estevam da Gama — Martim Affonso de Sousa — D. João de Castro — Garcia de Sá — Jorge Cabral — Affonso de Noronha.

FELICIDADE DE UM MANUSCRIPTO DESGRAÇADO.

(Communicado.)

2289 Quando em Portugal se decretou a supressão das ordens religiosas, houve tanto vandalismo civilizado e tanta indifferença para as coisas da arte e da historia, tanto descaminho vergonhoso, e infamante, que fôra um longo, um eterno escrever se quizessemos commemorar os largos trechos d'esta dolorosa catastrophe. Paginas da historia nacional, foram rasgadas; quadros de grandes e famosos pintores foram vendidos a estrangeiros, que no seu reverso escreveriam — « comprados em terra de barbaros. »

Era nos archivos dos conventos, nas suas ricas e preciosas livrarias, que se guardavam importantes documentos, e preciosos manuscriptos; e como tudo se tornasse um cahos, como o individualismo, ou mais claro o egoismo era o idolo d'esses tempos, como os monumentos desabavam em ruinas, como os bellos quadros eram vendidos na feira da ladra, os ricos livros e manuscriptos tiveram a desgraça de ir parar ás tendas de mercieiros, e serem vendidos a pêsos por diminutissimo preço. D'este numero foi o precioso, o classico manuscripto de Henrique Henriques de Noronha, escripto em 1722, intitulado — *Memorias seculares, e ecclesiasticas para a composição da historia da diocese do Funchal da Ilha da Madeira, distribuidas na fórma do systema da Academia Real da Historia Portugueza*: — por cuja primeira folha, foi o seu actual possuidor salvo da loja d'um tendeiro. D'esta sorte se livrou d'esse cahos immenso a melhor obra da historia madeirense, cuja publicação o seu proprietario tem muito a peito. A Camara do Funchal devia intervir n'es-

te empenho, e prestar todos os soccorros, que estivessem ao seu alcance. Segundo uma nota de letra differente da do livro, depreende-se que é o original, de que falla o abbade Barbosa na sua bibliotheca, tomo 2.º pag. 452. Consta de 225 folhas com um appendice de 34. O actual proprietario não tem duvida entrar em alguma transacção com o indicado manuscrito, para o que poderão saber a sua residencia no escriptorio da *Revista Universal Lisbonense*.

O CONCURSO DO SR. BEIRÃO.

2290 No *Correio Portuguez* de 4 do corrente vimos uma carta, que o Sr. Dr. *Pulido* diz ao redactor daquella folha haver-nos remettido a 2 do corrente, mas que — só hoje 7 pelas duas da tarde — chegou á nossa mão.

Nenhum dever de delicadeza nos obriga pois a reimprimil-a. Estamos dispostos a obsequiar sempre o Sr. *Pulido*, a quem aliás não conhecemos: mas no presente caso, a nossa mesma imparcialidade, para que elle apella, nos prohibe satisfazer o seu desejo; como igualmente nos véda estampar outra carta, em que o ac'õ do concurso do Sr. *Pulido* é julgado com desfavor.

O juiz entre os dois oppositores não somos, nem podemos ser nós. A influir indirectamente para uma decisão ultima, tambem nos não atreveriamos, mormente não havendo nós assistido áquelle acto. Quando o Sr. *Beirão* nada annuncia nem escreve contra o Sr. *Pulido*; e o Sr. *Pulido* escreve e annuncia uma obra contra o Sr. *Beirão*; a imparcialidade requer, que permaneçamos em silencio até ao fim do processo: quando as provas apparecerem; quando forem avaliadas, veremos se realmente era bem cabido o menoscabo, que se procura fazer do Sr. *Beirão*, associando para essa obra a nossa folha. Se o for, sempre é tempo para censurar; se o não for, nunca é tarde de mais para deprimir. A *Revista* repelle desenganadamente, ao menos por ora, uma polémica arriscada, tediosa, e, no pé, em que ao presente se acha, de pouco ou nullo interesse para a sciencia.

RESPOSTA PRATICA DA CIRURGIA DO MINHO Á CIRURGIA DO PRAGAL.

2291 Copiamos fielmente do *Periodico dos Pobres no Porto*, o seguinte, que póde servir de *post scriptum* ao nosso artigo 2251:—

«Escrevem de Guimarães em data de 28 do passado:—O negociante, Luiz Antonio Gonçalves, tendo ido á caça á freguezia de Abação, ao passar um portello, se lhe disparou a espingarda, levando-lhe uma mão: para salvá-o foi preciso amputar-lhe o braço.»

THESOIRO DO TINTUREIRO E DO PINTOR.

(Communicado.)

2292 Vae publicar-se uma obra com o titulo—*Collecção de receitas, e segredos particulares, necessarios, para o tintureiro, e para a maior parte dos artistas, manufacturas, officios, e outros differentes objectos.*

N'ella se encontram processos experimentados para tingir lã, seda, algodão e linho, de todas as côres firmes e brilhantes: preparações chymicas das mais necessarias para as artes: fabricação do azul de Prussia, laias, sinóplas, e outras tintas para pintura a

oleo, assim como tintas líquidas para escrever e pintar em papel, e para tingir madeira deixando apparecer o seu veio por mais fino que seja: finalmente outros muitos objectos uteis. O auctor occupa-se constantemente ha 20 annos n'estes e outros muitos trabalhos com admiraveis resultados, que agora no maior gráu de perfeição expõe ao publico com toda a fidelidade.

Será esta obra distribuida aos senhores assignantes em *livrétes* de 4 folhas em formato de 8.º portuguez com 64 paginas—preço no acto da entrega 80 rs., e para quem não fór assignante 120 rs. Poderá a final formar o completo de 6 tomos contendo cada um 5 d'estes *livrétes*.

Recebem-se assignaturas em Lisboa na rua dos Figueiros, loja n.º 68 e 69 onde se acha o prospecto mais bem circumstanciado. Os senhores das provincias que não tiverem em Lisboa correspondente que lhe faça assignatura, e se incumba da recepção dos *livrétes* e seu pagamento, podem dirigir-se a Manuel José Bernardo de Sousa na dita loja por carta franca de porte acompanhada de 1\$200 rs. pelo seguro do correio, ou por outra qualquer via, para pagamento adiantado de metade da obra que pelo correio lhe será remettida em *livrétes* nas mesmas epochas, em que se fór fazendo a distribuição aos senhores assignantes de Lisboa, devendo pagar os outros 1\$200 rs. logo que tenham recebido a metade da obra, assim de lhe ser enviada pela referida fórma a outra metade.

DELICADEZA DA BENEFICENCIA FEMINIL.

2293 «Do Sr. FRANÇA só resta sobre a terra, um nome, uma esposa e uma filha.—A esse nome immaculado já se votou uma corôa cívica:—a essa esposa attribulada, enviamos as expressões do mais profundo pezar:—a essa filha innocente, e querida, abrimos de par em par, as portas de um collegio de educação de meninas, fundado ha pouco sob a nossa direcção e dominio.»

.....
«Lisboa 30 de outubro de 1843. A *Directora do Collegio, denominado—Applicação Reciproca—travessa de S. Nicoláu n.º 12, 3.º andar.*»

Conhecemos a pessoa respeitavel por quem foram escriptas estas linhas, que na maior parte das folhas publicas se leram com geral sentimento de gratidão. Reproduzindo-as, para lhes augmentar a publicidade, é nosso principal empenho mostrar ás mães de familias uma caza, onde suas filhas podem receber, além de todas as prendas do seu sexo, exemplos práticos de doçura e charidade.—Sem novellas, ha mulheres e excellentes mulheres;—mas sem estas virtudes, não n'as ha que mereçam esse bello nome, e que felicitem a sociedade pela base, que é a vida domestica.

SINA MATRIMONIAL IRRESISTIVEL.

2294 Uma senhora, de quasi quarenta annos, viuva, e mãe de septe filhos, fugiu da caza de seu pae, na cidade do Porto em um dos dias da semana passada, segundo contam as folhas d'aquella terra; e, deixando uma carta de despedida, desapareceu com um namorado, com quem tinha concebado recazar-se.

Deixar por marido pae e mãe, é obedecer ao pre-

ceito religioso; mas deixar também sete filhos já parece religiosidade demasiada. — Possa ella ser feliz; — e encontrar no amor, que a arrebatou, tamanhas doçuras, que a não deixem arrepender das renuncias, que por elle ha feito.

INVOLUNTARIO E FATAL SUICIDIO.

2295 Na tarde de Todos-os-Sanctos quando já principiava o dobre para a festa dos finados do dia seguinte, tres rapazes da visinhança da igreja do Carmo, na cidade do Porto, correram a apoderar-se do seu campanario. O toque funebre é de facil execução, e os sinos n'aquella desconsolada tarde são em toda a parte do primeiro, que os toma. Subiram voando uns apóz outros pela estreita escada de caracol, a qual primeiro lançaria mão das cordas, e alcançaria o direito de balancear o sino grande; um d'elles, o ultimo, no desattentado do seu vôo circular e ascendente, soltou um grito, que não deteve os companheiros. Tinha posto um pé em vão, e descia precipitado espedaçando-se na arésta das pedras de degráu em degráu. Os signaes que não tardaram em retumbar do alto do campanario, estremecido por cima dos tectos circumstantes, pediram já orações também para elle.

VALENTIA COVARDE.

2296 Um major reformado passeava pelas sete horas da manhã de 25 do mez preterito no jardim do passeio de S. Pedro de Alcantara. Viram-n'o preocupado: ler uma carta: fechal-a: atiral-a para a banda: e dar de repente comsigo da muralha em baixo. Correu-se a buscar-o cuidando-se que seria para o cemiterio; felizmente não foi senão para o hospital, com uma perna quebrada e um braço desmanchado segundo nos contam, mas sem lesão interna, que suscite maior cuidado. Recebendo o seu soldo com as classes activas, não foi a fome a que o enlouqueceu como a tantos outros; foi o horror, que lhe infundira a idéa da operação da talha a que estava sentenciado pelos medicos.

ROUBO ADMIRAVEL.

2297 Tem dado muito em que intender o famoso roubo perpetrado, ha oito dias, no quartel de infantaria 1 em Belém; e importante em tres contos de réis; parte em prata, e parte em notas.

Se não houvesse passado de um abuso de confiança, de um furto industrial, seria um successo grave, mas não espantaria. Foi porém precedido de escalada, e arrombamento; e executado, segundo pelos vestigios se depreende, por muita gente, com todo o vagar e serenidade de animo.

Com uma escada de mão furtada á Casa-Pia, subiram, na altura de uns 70 palmos, á janella do quarto, em que se achava o cofre. Abriram-n'a, depois de a terem convenientemente furado, forçaram o cofre, estremaram o dinheiro nas suas differentes especies, despresando o bronze e o cobre, que andariam por 300\$ rs.: tiveram por consequencia luz; fumaram, para se desenfadarem, no meio do seu trabalho de contabilidade; e as pontas de cigarros, que se encontraram pelo chão, mostravam pelo seu crescido numero, que ou os saqueadores eram multidão, ou a pressa, que tinham de se retirar, não era muita. O que n'aquella noite se fumou tem de lembrar

por muito tempo ao regimento, que também da sua parte está (e com rasão) fumando do enxovalho, que assim lhe fizeram em sua propria caza.

Prosegue-se com energia nas diligencias para descobrir os temerarios malfeitos, que se chegarem a ser havidos ás mãos, não poderão deixar de ser punidos com a maior severidade.

O QUE É PERDER FILHOS.

2298 O Sr. Ponce, empregado no contracto do tabaco, tinha uma filha, que assim elle como sua mulher, adoravam e estremeciam.

Uma enfermidade contra a qual não valeram as diligencias da medicina, os cuidados da familia, as orações e promessas da mãe, nem a mocidade da enferma, enluctou o casal, e deixou os dois consternados esposos, orphãos da seus communs amores e de suas esperanças mais queridas.

O pae, imaginando na loucura da sua dôr, que a morte procurada pelas proprias mãos o poderia reunir com aquella, que o não trocára pelo céu senão porque Deus a chamou, diligenciou a occultas um veneno, e tomou-o. Sua mulher, atterrada por este segundo e porventura mais terrivel golpe, caiu gravemente enferma e perdeu a falla.

Ambos inspiram os mais sérios cuidados e a mais entranhada compaixão, a quantos os conheceram, a elles e á innocente causadora do seu irreparavel infortunio.

LYCEU BRACHARENSE.

2299 Lê-se nos *Pobres no Porto*:

«Abriram-se as aulas do lyceu, e já sobem a 800 «os estudantes n'ellas matriculados, temos por isso «aquí muita rapaziada: existe anarchia nas horas das «aulas e entre os professores: o que mostra a neces- «sidade de um reitor. O professor da ideologia e psy- «chologia abriu a sua aula com um novo e brilhante «discurso.»

Tornâmos a lembrar ao Governo a summa e urgente necessidade de fazer, que se abra em terra de tamanho tráfego litterario a bibliotheca publica, acinte e escandalosamente fechada pela camara.

COMO SE FAZEM SOPAS SEM QUERER.

2300 Vinham pela rua larga do Loreto para o Correio, dois mocinhos de padeiro montados no mesmo cavallo, em que traziam a carga de pão para a sua freguezia, e vinham depressa, como era de razão, porque os moços de padeiros são os distribuidores do periodico da barriga, e os seus assignantes não admittem espéras como os outros. Ao chegarem quasi ao direito da rua da Rosa, sitio onde se anda abrindo a profunda valla para o cano publico, que então estava bem afogada pelas chuvas, desemboccava, correndo da mesma rua da Rosa e rodeando airoosamente para o Loreto, uma sege. O encontro das duas oppostas velocidades foi todo em prejuizo da triste azémola cereal, que descaindo para cima do taboado, que defendia a obra, e arrombando-o com o seu peso, deu comsigo, com o pão, e com os rapazes dentro n'aquelle caldo mais que térreo. Acudiu-se logo a salvá-los. Felizmente nada se tinha perdido senão o pão; e temporariamente a côr dos rapazes, que ressurgiram pretos por entre as risadas dos circumstantes, acom-

panhamento obrigado de todas as desgraças d'este genero, e que no presente caso se misturavam deshumanamente com os chóros e lamentos dos pobresinhos, mais horrorisados do que os esperava em caza do patrão, do que da imprevista desgraça, em que alli tinham caído.

COMO SE REFORMAM OS ANEXINS DE UMA LINGUA.

2301 O tractado das pateadas do nosso padre Macedo está ainda longe de ser completo: todos os dias a experiencia nos descobre novas origens de pateadas: as que ultimamente se tem intentado em S. Carlos contra a dança, e que o bom senso publico tem annullado e punido, são fructo de diversas causas mui conhecidas, mas entre as quaes figura principalmente o despeito de alguns ex-dançarinos d'aquella caza, que a actual empresa não julgou conveniente escripturar. A primeira noite, em que se executou o tão poetico e mimoso poema coregraphico de *Gisella*, que era tambem estrêa dançante d'esta empresa, concorreram aquelles jurados inimigos com todos os auxiliares que poderam carear, e patearam valorosa, posto que não victoriosamente. Uma voz então alta e sonora no meio da platêa superior lhes gritou, *soceguem que amanhã serão escripturados*. Este dicto e o péjo de se verem conhecidos, deviam produzir mais circumspecção para o diante. Não foi assim.

No dia 3 a *Gisella*, representada pela graciosissima Sr.^a *Mabilli*, e achando-se no theatro SS. MM., foi novamente insultada pelos pés, que tendo perdido o direito de escoicear sobre o palco, tinham por 480 adquirido o de o fazerem na platêa geral. Não é tudo. De um camarote foram arremessadas para o tablado algumas immundicies e uma réstea de cebolas, cuja emblemática significação ainda não podemos descobrir. São arcãos da coregraphia pretérita.

A auctoridade policial interveio no caso. Conhecceu-se que o n.º 73 fôra o camarote da espirituosissima cebolada, até porque no seu pavimento se acharam ainda restos de cascas e palhas de cebolas. O camarote, que é um dos menos bons e mais regeitados, fôra alugado com antecedencia de dois dias: — «pelo Sr. José Antonio de Carvalho, — diz a *Restauração*, — companheiro e socio de um *José Stephene* que foi dançarino de S. Carlos, do numero exactamente d'aquelles que a empresa não escripturou. Foram logo postos em custodia o tal Carvalho e um Thomaz Rodrigues que estava no camarote.» — Conservam-se ainda prêsos e correm um processo correccional; — pelo que estamos antevendo que o antigo anexim, cuja origem esqueceu de — *caros alhos, compadre* — terá de ser substituido por este novo de — *caras cebolas, dançarinos*.

UM TERCEIRO QUE ENTRE LITIGANTES NÃO FOLGOU.

2302 Na esquina da Calçada do Duque para a rua da Condeça, olhando para o Largo Novo, mora uma passarinheira, muito afreguezada pela sua pericia na escolha e creação dos volateisinhos, em que negocêa. A' porta d'aquella caza, toda idyllio e primavêra, passava-se, n'uma das manhãs da semana ultima, uma scena tragico-romantica se jámais as houve.

Um çapateiro visinho, que dias antes lhe havia mercadado um coxixo, exigia que a nossa ornithóloga lho trocasse, visto que abusando — dizia elle — da ignorancia de quem intendia mais de bezerras do que de coxixos, lhe encampára femêa emvez de macho. — Sustentava a vendedora, com todos os argumentos e demonstrações possiveis, a virilidade da sua mercadoria, contra a qual nada se objectava senão a mudez, circumstancia accidental que ella explicava de um modo assás verosimil. — Estranhada do cheiro da officina do mestre, que não seria dos mais arcadicos; e aborrecida de que um mártelo sobre uma sóla houvesse de bater eternamente o compasso á sua musica, a ave tinha tomado a despeitosa deliberação de se callar até que a mudassem de vivenda; resolução com tudo em que não era certo nem provavel que permanecesse irrevogavelmente. Boas ou más, estas razões longe de convencer, exacerbavam o freguez, que insistia em que tinha pedido e pago um coxixo: — que um coxixo se conhecia pelo canto; e que aquillo não cantava: que lhe desse um que o fosse, ou que lhe restituísse o seu dinheiro. — Por mais de uma hora durou a clamorosa altercação, até que picada ao vivo no seu amor proprio scientifico e commercial, a mulher, encarando o incrédulo com ar determinado, lhe disse: — «coxixo ou coxixa vou abrir este animal, e a lantomia dirá quem tem razão. Se fôr femêa, morreu por minha conta que digo que não ha aqui femêa; se macho por conta do comprador que ateima que não ha aqui macho.» — O argumento era terminante e irrecusavel. O çapateiro acceitou, sorrindo antecipadamente ao seu triumpho; e procurando já com os olhos pelos viveiros o successor da infeliz victima.

Aberto pela Medêa, que havia nutrido a sua infancia, o brutinho, como que para vingar-se da sua horrivel morte, apresentou novo estimulo á contumacia já cholérica e já ameaçadora dos dois adversarios. No que a anatomica apresentou como provas da sua verdade, proclamou o çapateiro que estava a demonstração da sua, pois que não só era femêa senão femêa em vespera de postura. O cabo de segurança, que atraído pelo estrépito da contenda, viêra assistir como arbitro á disseccção, declarou-se incompetente para julgar do facto, em que ambos lhe pareciam ter pelo menos egual razão. Mas quanto ao direito decidiu, que entregasse a passarinheira ao mestre um coxixo. O que a boa mulher fez; mas não sem protestar pelo seu direito de reivindicção para o outro mundo; e jurando nunca mais vender coxixos a çapateiros, nem mesmo a cabos de segurança. E tinha razão: o desfigurado cadaver era tão macho como ambos elles.

Recommendâmos este ponto juridico ás illucidações do nosso bom e sabio amigo e collega A. G. redactor da GAZETA DOS TRIBUNAES.

ERRATA.

No artigo 2237 pag. 110 col. 1.^a coou em alguns exemplares o § 4.^o do art. 1.^o, que é indispensavel repôr, e diz assim: —

«Provêr aos meios de protecção para accudir ao lavrador, em um ou mais annos desgraçados.»

No artigo 2264, na pag. 129, col. 1.^a lin. 30 e 31, onde está — como foram os de junho de 1755 — lêa-se — como foram os de junho de 1707, e 30 de novembro de 1741, e o terremoto de 1755.